

ARQUIVO

Afim de atestar, ampliar mais sensatamente o seu modo de ver as coisas, S.S. cita algumas palavras de Ramalho Ortigão, d'esse escritor tão reputado e tão querido, mas que embora a sua nomeada, a sua consideração européia, não o supponho, estudadamente visto, digno de uma crítica séria sobre poesia.

Não devemos receber a luz porque ela venha do alto, do mais alto píncaro das serras elevadas.

Não!...

Irrumpa ela da sombra, mas seja uma luz clara, franca, espontânea.

Venha ela das anfratuosidades das minas, das gargantas das fornhalhas, dos brazidos do carvão — mas seja luz.

Para se compreender as vantagens da nova literatura, em todas as fases, é preciso ter as bossas intellectivas desenvolvidas, na altura dessas mesmas vantagens.

O poeta de hoje é o reformador, o inspirado, o revolucionário.

São os três elementos constitutivos do poeta.

Dizendo-se revolucionário, compreende-se que o poeta seja artista inteiro, completo.

Se a arte caminha ao lado das revoluções do espírito, não se admitirá por certo revolução sem arte.

Ora, o Sr. Damasceno que bate os linfáticos da Musa, aqueles que não têm pulsões nem sangue para os entusiasmos decentes, para as concepções grandes e fortes, abre o seu livro ainda com versos sem rima, soltos como se diz, quando a rima, natural, precisa, verossímil, é a cintilação prismática, a eufonia dulçurosíssima do verso; quando os melhores poetas da península e mesmo os novos brasileiros têm essa preocupação que é também um dos esmaltes mais delicados e bonitos da forma.

Daí, S.S. continua no emprego estafado das décimas e oitavas francesas, pesadas, retumbantes pela sua leitura, pelo seu modo arrogante de exprimir o pensamento.

Os poetas devem conhecer, para o complemento da arte, a maneira de distribuir os tons afim de que as consoantes aglomeradas, empacadas não esporem o ouvido do leitor; colocar esteticamente os agudos, os graves e esdrúxulos — dispor muito concisamente o colorido da inspiração vibrante, altívola, sangüínea.

Os poetas — essa boemia de ouro, essa borboleta azul que muitas vezes se queima na sua própria luz, quanto a mim devem arrojarse mais e mais nas asas da fantasia a águia do infinito das idéias — devem ter os vãos desesperados, as cóleras supremas, o humorismo doido, as gargalhadas estrepitosas do mar, rugir como o leão e arrulhar como

a pomba, ter a fulguração escaldante do sol e a suavidade consoladora do luar.

Não há poesia onde não houver fôlego, sentimento, paixão pela natureza sempre farta de assuntos para os espíritos empreendedores.

Não há poesia onde não houver convenção, onde a espontaneidade e a fé individual do cantor, não se revele com força.

O sr. Damasceno bem sabe quais são as armas de combate, mas não usa delas, talvez por uma religiosidade pacata aos seus escrúpulos literários.

O sr. Damasceno Vieira é por vezes fraco nas suas idéias, nas suas imagens e comparações.

O seu espírito não conserva na *Musa Moderna* a nota nervosa do sentimento, os rasgos apaixonados da razão.

Não há na sua poesia uma fluência agradável que force a ler-se o livro até o fim, na melhor disposição de gosto; vai-se tropeçando a cada passo com versos soltos, com uns nomes próprios, de uns heróis da guerra, como espantalhos da civilização, introduzidos nas estrofes, dando-lhes uma gravidade pesada, pouco artística e poética.

E além disso a originalidade a primeira qualidade do homem moderno, não é com certeza a lei do distinguido escritor.

S.S. canta a escola, as oficinas, o trabalho, o progresso com tintas nada originais e boas.

A verdadeira centelha da arte, o fogo, a robustez, o pulso, como disse Edmund de Amicis, tratando de Zola, não são circunstâncias às quais o sr. Damasceno ligue muito séria importância.

Achará que isto são tropos de estilo, são esmiuçamentos de crítica.

Mas nem nos propusemos a escrever crítica sobre o seu livro; unicamente como S.S. não é positivamente um calouro da literatura, mas uma inteligência que tem produzido diferentes frutos, nos certames da idéia, é preciso, que pelo menos os que cuidam de letras, autopsiem franca e lealmente, com a dignidade superior de confrades, os trabalhos que vão à luz da publicidade.

E demais S.S. teve a delicadeza de remeter, com dedicatória especial e bastante lisonjeira a Virgílio Várzea, Santos Lostada e a minha humílima individualidade, a sua *Musa Moderna*.

Nasce, portanto, desse atestado despretenso de simpatia — esta ligeira análise da obra.

Não diria coisa alguma sobre ela, se a achasse fora dos trâmites da crítica e dos limites do senso.

Há nela, em todo o caso, cunho de talento, mas não rijeza firme das idéias.

Não existe homogeneidade na sua observação, complexidade no seu raciocínio.

O seu espírito não tem nem aquela facilidade ductil, nem aqueles atrevimentos razoáveis e admissíveis do poeta.

E possível que se encontre sinceridade nas suas doutrinas — mas para os outros, porque S.S. não professa as doutrinas que expõe.

Fala de progresso, de arte, de evolução, apresenta-nos os seus dados filosóficos e — apoteosifica, endeusa as guerras, porque endeusa os seus heróis.

Quando hoje, na vanguarda triunfante do evolucionismo, não pode, não deve seguir a guerra, senão como um escarro de sangue atirado à face da luz.

Porque é preciso não confundir evolucionismo com moda.

Há espíritos alheios de intuição, da percepção clara das coisas, que, dizendo-se, modernos, evolucionistas, adaptados — não estudam profundamente a organização desse vocábulo.

O Evolucionismo é a direção racional que tomam todos os cérebros, ante os fenômenos patológicos, psicológicos e fisiológicos: é a fonte elementar onde se bebem todos os princípios da verdade, toda a saúde do pensamento: o evolucionismo é quem nos apresenta as causas primordiais do existir, as transformações da matéria, os necessários terremotos do Cosmos universal.

É pelo evolucionismo que o homem compreende, vê, sabe, conhece os poderes que tem para olhar, para ouvir, para pensar.

Com o evolucionismo é que o homem se apodera dos direitos da sua animalidade — alargando, estendendo os conhecimentos diversos.

É no evolucionismo que pairam todas as crenças robustas desta humanidade pensadora, que trabalha para a educação de todas as consciências que ainda não entenderam o seu lugar sobre a terra.

Dentro pois do evolucionismo, em toda a sua acepção, deve girar a esperança do poeta, como um pêndulo enorme, oscilando de entre a curvatura azulada dos espaços amplíssimos.

Nestas horas em que a civilização vai rasgando todos os horizontes compactos de treva, não há meios termos, ou o escritor se adapta a sua época ou morre — ou tem músculos para galgar a montanha da verdade filosófica ou estaciona pelas estradas das quimeras e das dúvidas que não guiam, mas adoecem profundamente os crânios.

E o sr. Damasceno Vieira, já não está do lado do anônimo...

Mais um esforço sobre si mesmo e estará do lado justo da verdade.

O seu livro não é um — Grito de Guerra.

É um clamor que não se sabe bem de que trombeta foi saído.

Não se pode analisar, de boa atitude, a escala e os sons.

A Musa Moderna — segundo a sua estrutura, a sua essência, não é um livro que possa atravessar futuros e entrar no conclave dos poetas da musa incontestavelmente moderna.

O sr. Damasceno Vieira que encaminhe o seu espírito por outras veredas, que atravesse a floresta da existência... intelectual, como um leão e que sinta em si o bronze inabalável da coragem, na frase de Guerra Junqueiro, a encourajar-lhe o peito das suas convicções.

Desterro, Junho, 85.

Cruz e Sousa

[*A Regeneração*, Desterro, 9, 10 e 11 de junho de 1885]

Notas sobre os autores citados

- 1 João *Damasceno Vieira* Fernandes. Nasceu em Porto Alegre (RS) em 1850 e faleceu em Salvador (BA) em 1910. Fez parte do grupo do Partenon Literário. Poeta, dramaturgo, ficcionista e crítico literário deixou obra volumosa, da qual, citaremos só pequena parte, relativa à poesia: *Ensaios Tímidos*, 1872; *Auroras do Sul*, 1879; *A Musa Moderna*, 1885; *Escrínios*, 1892; *Poemetos e Quadros*, 1895; *Castro Alves*, 1898.
[FONTE: Raimundo de Menezes. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978].
- 2 Jean Richepin (1849/1926). Poeta francês. Levou vida bastante turbulenta durante alguns anos tendo sido jornalista, professor, marinheiro e estivador até tornar-se célebre no Quartier Latin. Seus inspiradores foram Pétus Borel e Baudelaire. *La Chanson des gueux*, 1876, foi motivo de escândalo e condenou o autor por ultraje aos bons costumes a um mês de prisão. Este livro é o mais conhecido de Richepin e, nele, o autor celebra os mendigos, os que vivem à margem da sociedade, os vagabundos.
[FONTE: Laffont-Boinpianti. *Dictionnaire Biographique des Auteurs de tous les temps et de tous les pays*. Paris, Robert Laffont, 1980].